

neutro (lat. *neutrum* = *nem um nem outro*). Foi talvez este o criterio, que presidiu á creação dos trez generos grammaticaes nas linguas antigas. Modernamente o inglez procura manter ainda esta classificação. Se foi este, de facto, o criterio que presidiu á creação da triplice noção do genero grammatical, bem cedo foi elle frustrado, pois nem o grego nem o latim guardaram a noção logica dessas distincções grammaticaes. Em latim era caprichoso o seu uso, variava de época para época, e do dialecto popular para o dialecto literario.

515. ORIGEM DO GENERO GRAMMATICAL EM PORTUGUEZ. Desappareceu o genero neutro latino na época da elaboração do *romance*, e o portuguez simplificando essas distincções genericas, estendeu a todos os substantivos a classificação dos generos em *masculinos* e *femininos*.

Nesta classificação serviu-lhe de principio regulador — a *significação* e a *tradição etymologica*.

I. SIGNIFICAÇÃO.

1.^a Pela *significação* regulou a lingua o genero dos nomes de seres vivos ou sexuados, reaes ou ficticios, e dos officios ou estados que lhes são proprios, de accordo com o sexo natural, p. ex.:

O homem, o rei, o moço, o lobishomem (masc.), e a mulher, a rainha, a moça, a sereia (femin.)

2.^a Pela *significação* regula-se ainda o genero de certos nomes proprios geographicos, que recebem, em regra, o genero do nome appellativo, que designa a sua classe, p. ex.:

O (monte) Itatiaya, o (rio) Sena, o (lago) Ládoga, o (vento) Boreas, a antiga (cidade) Carthago, a (ilha) Jamaica.

O corrente Moluca se congela (Lus. 3. 105) — Vereis a inexpugnavel Dio forte (Lus. 2. 50) — O ermo, que em belleza vence a propria Pariz (A. C., o Mis. 161).

Quando, porém, o nome de cidade vem de um appellativo *especializado*, guarda o seu genero, p. ex.:

O Porto, os Açores, o Rio de Janeiro, o Amparo, o Jahu.

Os nomes proprios de *paizes*, *nações* e *regiões* variam; são femininos quando terminam em *a*:

Grecia, França, Italia, Bahia, Bohemia, Sibera (cf. o Sahara).

Quanto aos nomes de cidade, eram masculinos entre os classicos *Jericó* e *Belem*:

Avemos de fazer guerra a *Jericó*, e venceremolo, sem delle quereremos nada (H. P., Imag. 1, 76) — para que lhe não falassem naquelle Belém (A. V., Obs. S. 28).

Obs. Contesta Andrés Bello qualquer influencia do genero do appellativo da classe para formação do genero dos nomes proprios geographicos em hespanhol. Embora não se possa negar essa influencia quanto a nomes de *ciudades, rios, montes, lagos, etc.*, todavia vê-se que essa influencia não foi uniforme, entre os nossos classicos, com os nomes de cidade, não só pelos exemplos acima, mas ainda pelo seguinte, que nos fornece Fernão Mendez Pinto:

Esta cidade de Pequim de que promety dar mais algũa informação da que tenho dada (=do que a que tenho dado), he de tal maneyra, e tais são todas as cousas della, que quasi me arrependo do que tenho prometido, porque não sei por onde comece a cumprir minha promessa, porque se não ha de imaginar que he ella hũa Roma, hũa Constintinopla, hũa Veneza, hum Paris, hum Londres, hũa Sevilha, hũa Lisboa... nem fóra da Europa se ha imaginar que é como o Cairo no Egypto... o Gouro em Bengal, o Avaa no Chaleu... porque... todas estas se não podem comparar com a mais pequena cousa deste grãde Pequim (Peregr. 2. 79. 80).

3.^a Pela *significação* são ainda masculinos os nomes das *letras* e das *notas* de musica: o *a*, o *b*, o *c*, o *ré*, o *fé*, etc.

II. TRADIÇÃO ETYMOLOGICA.

Pela *tradição etymologica* fixou-se, em geral, o genero das outras classes de palavras. Estas guardaram, em geral, o genero etymologico ou genero da tradição latina, aliaz perturbada a cada passo pela *analogia* e por outros factores accidentaes.

1.^o Os nomes da 1.^a *declinação latina* eram geralmente femininos e seu thema terminava em — *a*. Generalizou o portuguez esta terminação como expoente do feminino, para todos os nomes, cujo genero não se regulasse pela *significação*, como — *a hora, a mesa*, etc. (cf. *o incola, o agricola, o agiota*).

Abrem excepção alguns nomes, na sua maioria gregos:

Dia, tapa, thema, problema, theoremata, telegramma, enigma, planeta, cometa, dilemma, drama, poema, systema, grammata (m. e f.), dia-

gramma, panorama, trama (m. e f.), decagramma, hectogramma, kilogramma, programma, monogramma, epigramma, trema, proclama-lama (animal), antipoda, clima, cholera (doença), plasma (cf. metaplasma, f., e metaplasmo m.), mappa, phantasma (m. e f.), trachoma, carcoma, aneurisma, carcinoma, estigma (cf. zeugma f.), fleuma (m. e f.), dogma, sophisma, epiphonema, enthymema, phonema, chrisma (m. ou f.).

Tapá tem em Portugal, mais communmente, o genero feminino.

Planeta era no ant. port. feminino, até o tempo de D. Manoel : ...segundo o dicto dos astrologos, que as planetas per ordenança de Nosso Senhor o dotarom. (L. Conselh., 133).

Trama é feminino, porém no sentido de *enredo, ardit*, apparece, ás vezes, como masculino em bons escriptores : *Os meus tramas e ardis* (A. C.) — *Defendera suas conquistas contra os assaltos de lóra e os tramas internos* (R. da S.).

Gramma oscilla no fallar commum entre masculino e feminino ; porém tem preferencia o masculino (cf. grama f.). A fórma *grammo* é erronea — por anti-etymologica.

Cholera, referindo-se á doença, é geralmente masculino no Brasil, e em Portugal ha uma forte corrente, a cuja frente se acha o illustre Snr. Candido de Figueiredo, que a faz feminina com o applauso do Dr. B. F. Ramiz Galvão, digno lente de grego no Gymnasio Nacional. A. Herculano, Garrett e outros lhe dão, de facto, o genero feminino, que é etymologico : *Com a rapidez da chólera ou da peste corre por todos os angulos de Portugal* (A. H., *O Monasticon*, 1.º volume, p. IX).

Entretanto, cremos que se deve dar preferencia ao genero masculino (*o cholera*), embora não seja este o genero etymologico da palavra, pelas seguintes razões :

a) *Cholera* recebe evidentemente o seu genero do composto erudito — *cholera-morbo*, e este deve ser masculino (como é o hybrido latino — *cholera morbus*), pois nas palavras compostas predomina, em regra, o genero do elemento dominante ou do *determinado*, que nos compostos eruditos é o ultimo elemento, e no caso vertente é *morbo* (← *morbum*) : além disto, o sentido mostra que *morbo* é o elemento principal e *cholera* o elemento modificador ou determinante ; se, pois, por brevidade de expressão dizemos *cholera* por *cholera-morbo*, é natural que, pela *lei do contagio*, receba a parte representativa o genero do todo, donde o *cholera*, como o *cholera-morbo*.

b) Mais : a mudança do genero, neste termo, não é arbitraria e inutil, pois aproveita : a) á clareza, discrimina mais promptamente dois homonymos, *colera* ira de *cholera* doença ; b) já está largamente acceita tanto no Brasil como até em Portugal (*Vid. Aulete, Moraes, Fr. Domingos Vieira*) ; c) está na linha da evolução generica de tantos outros termos, como *fim, linguagem, linhagem*, e segue o processo ainda vigente de differenciar dois sentidos de uma mesma palavra pela differenciação

do genero : — a *cabeça* e o *cabeça*, a *lingua*, e o *lingua*, o *guarda* e a *guarda*.

Por todos estes motivos é preferível o genero masculino — o *cholera*.

2.º Os nomes da 2.ª *declinação latina* eram na maioria dos casos, masculinos, e o seu thema terminado em *-o*, generalizado, deu-nos a desinencia *o* como o expoente do masculino, para as palavras cujo genero não se regule pela *significação*, como *banco*, *muro*, *vinbo*, etc.

3.º Os nomes da 3.ª *declinação latina* tinham menos fixidez generica, e havia, por vezes, muita hesitação quanto a seu genero. Nomes como — *finis*, *collis*, *pulvis*, *cinis*, *rumex*, *serpens*, eram masculinos e femininos. Semelhante hesitação observa-se egualmente no genero de outras classes de nomes. Desde a época imperial os nomes de arvores em *-us* (*populus*, *almus*, *fraxinus*), que eram femininos, tornaram-se masculinos. O mesmo aconteceu com *arbor* que de feminina tornou-se masculina. Os nomes abstractos em *-ore* (*dolore*, *esplendore*) de masculinos tornaram-se femininos. *Dies* (= dia) é masculino e feminino. Uma tal hesitação generica passou para o portuguez, e, no decurso de sua historia, muitos substantivos teem mudado de genero, e outros ainda oscillam em sua ambiguidade generica.

516. EVOLUÇÃO GENERICA EM PORTUGUEZ. Como em latim, o genero em portuguez tem variado no andar dos seculos. Exs.:

Mar, já foi feminino em portuguez, como se vê ainda nos compostos — *prea-mar*(*plena-mar*), *baixa-mar*.

Linhagem era masculino : *Mays o terceyro linagem muyto espantoso dos monges...* (Ined. de Alc. 1.º 253, ap. Cort.) — O mesmo acontece com *linguagem* : *Nem outro linguagem que eu sayba...* (L. Conselh., 151).

Fim, ao contrario, era feminino até o sec. XVI: *pequeno erro no principio se faz grande na fim* (H. P. Imag. 1. 3).

Tribu guardou o genero masculino até Vieira, sec. XVII: Elle sabia mui bem que era do tribu de Levi, e que o Messias havia de ser do tribu real de Judá (A. V., Obs. S. 5. 119).

Gente, em F. M. Pinto lemos : “Antonio de Faria... trabalhou por saber deste gente que nações habitavãmo sertão daquella terra” (Perigr. 1. 38), e mais adiante : “Vimos tanta gente manceba em navios de veniaga” (Ib. 163).

517. **AMBIGUIDADE GNERICA.** Continúa ainda a hesitação da lingua em fixar o genero das seguintes palavras, que se conservam ambiguas quanto ao genero, isto é, podem ser masculinas ou femininas; taes são, além das que já mencionámos (*tapa, trama, gramma, phantasma, cbólera, fleuma*):

Personagem, pharynge, larynge, phoca, aneurisma, aposthema, ceraste, aspide, tigre, atalaia, sentinella, cascavel, genesis ou *genese*, scisma, schema, avejão, ágape, phylloxera, reséda, alluvião, leiró, sevandija.

Com **fleugma** ou **phleugma** é mais commum o feminino, e por isso preferivel. O mesmo acontece com **personagem, pharynge, larynge, phoca**. Em **aneurisma** ou **aneurysma, aposthema, tigre**, é preferivel o masculino por mais generalizado.

Ceraste tem a fôrma divergente *cerasta* (vibora) feminina, deve ser, portanto, este o genero preferido.

Cascavel é feminino no Brasil, e masculino em Portugal e na literatura portugueza.

Genesis é o primeiro livro do Pentateucho e é masculino; *genese*, origem, é de preferencia feminino.

Scisma no sentido de *preoccupação, desconfiança, meditação*, é feminino, e **SCISMA** ou **SCHISMA**, no sentido de divisão em uma agremiação religiosa, é geralmente masculino.

Schema é masculino, embora Moraes lhe dê o genero feminino. — A *ágape, phylloxera, reséda*, deve dar-se de preferencia o feminino. *Alluvião* tem o genero etymologico feminino, e como tal o dão os dictionaristas, excepto A. Coelho.

O heróe é sempre como nas lendas mythicas da Grecia, um personagem tragico (L. C., Camões, 11) — Como póde, porém, ser o Camões a personagem, cujas lastimas ali ficam memoradas (Ib. 23) — Uma porta abre-se lentamente, e um novo personagem apparece (A. H., L. e N. 2. 17) — O interlocutor é uma personagem que o leitor conhece (Ib. 38) — Amir, nestas negras tramas tenho-te servido lealmente (Ib. 5) — Defendera suas conquistas contra os assaltos de fóra e os tramas internos (R. da S., ap. Aulete) — Mas como elle era innocente desta trama... (Dec. 1. 428) — Criado ao peito de huma tigre Hircana (Cam. Eleg. apud Moraes) — Traidor! mamaste nas hircanas tigres (O. M.) — Até na relva a cascavel se esconde (G. D., Poes. 2. 172). De ruger ruger fazem-se os cascaveis (gallego: de roxe roxe fause os cascabeles; apud J. Moreira) — Que esse cascavel iria atalhar-lhe? (Fab. 57) — Sim, com esta phantasma ingenua, amavel, bella, é que eu fujo (A. C., O. Mis. 161) — O povo que devia substituir esta primeira alluvião... não tardou a transpor os Pyrineus (A. H., H. de Port., 1. 29) — Pec-

cado torpe e feio, mais que hircanos tigres (A. F., Cast. 40) — Um grito do atalaia o interrompeu (A. H., L. e N. 2. 7) — E' para elles uma especie de genesis historica (A. H., H. de Port., 1. 2) — ...por onde naça a variedade de scismas, com as quaes se perverta a fé, e se rompa a união (M. Lusit., ap. Dicc. Vieira) — Uma epidemia que pôde considerar-se o phylloxera da vinha do Senhor (C. C. B., M. da Fonte, 300, ap. M. Barreto) — Patrullias passavam vagarosas como os avejões de uma ballada (Id. A Corj. 228, ib.) — Ouvira o nome de Gil Eannes, como quem tinha antigo teiró (A. H., Monast. 1. 210) — O teiró que eu já tinha a tal sciencia, tresdobrou d'esta feita... (A. C., Faust., 137) — Tão monstruosa era aquella avejão, que me sentia a par della pygmeu (Id., ib. 42).

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
 Contas de crystallino transparente,
 Alguns soantes cascaveis pequenos,
 Um barrete vermelho, côr contente (Lus. 5. 29).

518. GENERO DE ADJECTIVOS SUBSTANTIVADOS. O adjectivo, como qualquer outra parte do discurso, é, em regra, substantivado no genero masculino, que neste caso é realmente o genero. Por isso, substantivando os seguintes adjectivos, diremos: — *o caudal, o radical, o ritual, o temporal, o moral, o cerimonial* (*o caudal dos rios, o radical das palavras, o moral dos soldados*, etc.). Entretanto, por influencia do genero de certos nomes evocados, são femininos — *a pastoral* (carta), *a decretal* (carta), *a moral* (philosophia, sciencia, vida = moralidade), *a diagonal* (linha), *a directriz, a secante*. *Gigante* guarda a fórma masculina adjectivada.

Aureos caudaes do Tejo (G., Cam. I XVI) — Os Moraes de São Gregorio são as doudas e pias moralidades que este Santo tirou de algũs da Sagrada Escripura (Bluteau) — Eil-a ahi nua e crua, tire o moral della leitor pio (F. Elys., Fab. 175) S. Gregorio nos Moraes diz que ella é a que acende a luz do entendimento (H. P., Im. 1. 53) — O moral se vem nu, nos causa enojo (F. Elys., Fab. 175) — As memorias gigantes da historia do velho Portugal (A. H., Mon. X) — As memorias, os templos, os palacios da cidade gigante (G. D., Poes. 1. 117) — Verde ramo de uma arvore gigante, o raio no passar queimou-lhe o viço (Ib. 131).

519. O GENERO NEUTRO. Obliterou-se o genero *neutro* dos substantivos na época da elaboração do *romance*, absorvido em geral, pelo masculino. Assim do neutro passaram a masculinos os seguintes:

Coelum — o céu, donum — o dom, vinum — o vinho, tempus — o tempo, regnum — o reino, vitium — o vicio, latum — o lado, pectus

— o peito, granum — o grão, vulgus — o vulgo, pelagus — o pégo, animal — o animal, mare — o mar (arch. *a mar*), marmorem — o marmore, cadaver — o cadaver, e de origem grega — poema, estigma, enigma, etc.

520. FEMININOS DE NEUTROS. Na b. latinidade deu-se a confusão dos neutros da 2.^a e 3.^a declinação do plural em *-a*, com os nomes da 1.^a declinação, que no singular terminavam em *-a*, e assim de plural neutro passaram taes substantivos a singular feminino. Exs.:

festum	pl.	lesta	→→	lesta
folium	"	folia	→→	folha
vestimentum	"	vestimenta	→→	vestimenta
pirum	"	pira	→→	pera
ferramentum	"	ferramenta	→→	ferramenta
mirabile	"	mirabilia	→→	maravilha
insigne	"	insignia	→→	insignia
—	"	arma	→→	arma

521. VESTIGIOS DO NEUTRO EM PORTUGUEZ. Obliterando-se, o neutro lat. deixou largos vestigios em portuguez.

1.º As 3.^{as} fórmãs — *isto, isso, aquillo*, dos deter. demonstrativos — *este, esse, aquelle*, são manifestamente as fórmãs neutras lat. que, na falta de subst. neutros em port., assumem a funcção de pronomes neutros. — Do mesmo modo são fórmãs pronominaes neutras — *al, algo, nada, tudo*, dos indefinidos — *outro, algum, nenhum, todo*. A fórmula *tudo* só do sec. XV é que começa a apparecer como differenciada de *todo*. No v. port., como no lat., a fórmula masculina coincidia morphologicamente com a neutra: “esto certo sey eu, e cõ tod’esto (*tudo isto*) sey” (Tex. Port. 130). Em Vieira (sec. XVII) ha ainda incerteza nesta differenciação de categoria grammatical; ahi se lê *tudo o necessario* e *todo o creado*. Esta hesitação prolonga-se até os nossos dias nesses grupos, bem como ainda na locução adverbial *de todo* por *de tudo* do dialecto popular. Um motivo, porém, de clareza leva o dialecto literario a guardar a fórmula archaica neutra (*todo*) na locução adverbial *de todo* (*totalmente*), para discriminá-la francamente da expressão *de tudo* = *de todas as coisas: comer de tudo e ser de todo comido*.

De outros determinativos taes como — o (\rightsquigarrow *illum*), mesmo (\rightsquigarrow *metepsissimum*), tanto (\rightsquigarrow *tantum*), quanto (\rightsquigarrow *quantum*), a fôrma neutra identifica-se com a masculina.

Todas essas fôrmas neutras pronominaes reassumem a sua funcção primitiva de adjectivos, desde que surja deante dellas uma outra fôrma neutra com que possa grammaticalmente concordar, v. gr.: *tudo isso, isso tudo, tudo o que, isso mesmo, mesmo isso, tudo o al.*

2.º E' frequente em lat. a substantivação do adjectivo qualificativo na fôrma neutra, tanto no singular como no plural, p. ex.: *bonum* = o bom (o bem), *bona* = os bens, *verum* = o verdadeiro, *vera* = as coisas verdadeiras. Como se vê, o neutro no singular coincide morphologicamente com o masculino. O portuguez adoptou este processo no singular, p. ex.: *o bom, o bello, o verdadeiro, o util e o agradavel.*

O port. archaico conservou estas substantivações neutras no plural: *quanto podessem aver de bona de seu pater* (O A. Vernac., p. 19).

3.º O infinito presente e o supino eram em latim substantivos, e, por isso, os adjectivos que os modificavam, assumiam a fôrma neutra, p. ex.: *dulce est pro patria mori, mirabile dictu* (Verg.), *turpe est mentiri.*

Quando, pois, dizemos — *o trabalhar é bom, o supposto é verdadeiro*, temos, historicamente, sob as apparencias masculinas, o genero neutro. Póde ser isso demonstrado, como se segue.

Na phrase — *o trabalhar é bom*, o sujeito trabalhar não póde ser representado por um pronome masculino, e só por um pronome neutro, p. ex.: *o trabalhar é bom para os que NISSO se empenham honestamente*; não poderíamos dizer com pron. masc. — *para os que NELLE se empenham...* Mas se substituirmos *trabalhar* por *trabalho*, poderemos dizer: *o trabalho, é bom, para os que NELLE se empenham honestamente.* Semelhantemente, diremos: *o supposto é verdadeiro, porém nem sempre acontece ser ISSO assim, e não = ser ELLE assim.* Se, entretanto, substituirmos o participio substantivado pelo subs. *supposição*, diremos: *a supposição é*

verdadeira, porém nem sempre acontece ser ella tal, e não — ser isso tal. Donde se vê que a lingua encara esses substantivos virtuaes, como neutros, por isso que só podem ser representados na phrase por pronomes *neutros*. Todavia, o epitheto ou o determinativo anteposto assume fôrma masculina, p. ex.: *este trabalhar insano, nenhum supposto, etc.*

4.º Descobre-se ainda vestigio do neutro em portuguez em um outro processo curioso da lingua, o qual podemos filiar no antecedente. Dá-se este nas phrases nominaes com a discordancia grammatical entre o predicado nominal e o sujeito, p. ex.: *E' preciso paciencia*, onde o predicado nominal *preciso* discorda do genero grammatical do sujeito *paciencia* (482).

a) Observa-se, em primeiro lugar, este phenomeno com os sujeitos representados por subst. abstractos, que figuram na phrase sem determinação ou com determinação fraca. v. gr.: *E' preciso paciencia na vida — E' prohibido entrada nesta repartição.* Os substantivos abstractos sujeitos nestas phrases, tomados indeterminadamente em toda a sua extensão, assumem genero neutro, accusado pelos respectivos predicados nominaes — *preciso e prohibido.*

Podemos ainda approximar este processo do typo antecedente, se dermos a esses sujeitos força verbal latente, suppondo a ellipse do verbo *ter* no primeiro exemplo, como fazem alguns grammaticos, de sorte que teriamos: *E' preciso paciencia = é preciso ter paciencia, é prohibido entrada = é prohibido entrar.*

Em todo caso, o character neutro do sujeito nessas phrases evidencia-se pela substituição pronominal, como acontece igualmente com o typo do paragrapho antecedente, p. ex.: *E' preciso paciencia, porém isso (e não ELLA) não se obtem facilmente — E' prohibido entrada, isso (e não ELLA), porém, só, aos extranhos.* Donde se vê que a lingua recusa a dar a esses substantivos-sujeitos substituto pronominal feminino, e o pronome neutro *isso* denuncia o genero neutro nos sujeitos dessas phrases typicas.

b) Este curioso phenomeno grammatical é ainda observado ás vezes quando o sujeito é *concreto*, porém tomado em

toda a sua generalidade, sem qualquer determinação, e, consequentemente, em uma accepção abstracta, p. ex.: *Cerveja não é bom para a saude — Pimenta é usado como estimulante — E' necessario agua para a vida dos seres organizados.*

Os sujeitos neste typo de phrase, tomados em toda a sua generalidade abstracta, são considerados igualmente do genero neutro.

Desde, porém, que nestes dois typos o sujeito receba qualquer determinação positiva, desfaz-se sua neutralidade generica, e o adjectivo-predicado accusa logo esse phenomeno assumindo flexão feminina, p. ex.: *E' precisa a paciencia na vida — E' prohibida a entrada — Esta cerveja não é boa para a saude — A pimenta é usada como estimulante — E' necessaria a agua pura á vida dos seres organizados.*

Em muitos de nossos escriptores a neutralidade latente do sujeito persiste a despeito da determinação, isto, porém, se dá quando esta é fraca. Exs.:

Bem, sabia eu, senhor Floramã, que pera vos se guardava esta aventura : e na verdade pera eu o crer nã era necessario nenhuma outra experiencia, se nam a fé, q'ẽ vossas cousas tenho (Palm. de Ingl. 2. III) — E' necessario uma determinação invencivel (R. de S., ap. M. Barreto, N. Est. 285) — Tem-me sido preciso muita energia para domar o soffrimento (Id. ib.) — E' preciso a physica para explicar os movimentos das caras, onde não ha metaphysica nenhuma (Id. ib.) — E' preciso cautela com semelhantes doutrinas (Id. ib.) — Se for preciso alguma coisa, o Norberto está aqui (C. C. B. Ib.) — Sim, tu : é preciso coragem (Id. ib.) — E' necessario uma licença para ella poder entrar (Id. ib.) — O' monstro de ignorancia ! quando has de comprehender que para a concordancia dos termos entre si, foi sempre necessario a Grammatica (A. C., ap. M. Barreto, N. Est. 285).

Vai ver, Luisa, vai, se da tua janella avistas novidade ; é bom toda a cautela (A. C., O Av.)

522. Filia-se historicamente este processo não só no latim, mas no aryanos, segundo nos informa Brugmann (Gr. Comp. 680). E' frequente em latim um predicado *neutro* referir-se a um sujeito *masculino* ou *feminino*, p. ex.:

Eia, age, rumpe moras : VARIUM ET MUTABILE SEMPER FEMINA (Verg., Eneid. Lu. IV, 569) — *TRISTE LUPUS stabulis* (Verg., Egl. III. 80). *DULCE satis HUMOR depulsis arbustus hocdis* (Ib. 82) — *TUR-*

PITUDO PEJUS *est quam dolor* (Cic. ap. M. Barreto, N. Est., 280 —
MORS *omnium rerum* EXTREMUM (Ap. Brugmann).

Esta anomalia das linguas arianas, “repousa, diz Brugmann, na transformação dos adjectivos neutros em substantivos; empregava-se este neutro substantivado quando se tractava de indicar a categoria de conceito á qual pertencia o sujeito”.

O eminente glottologo allemão vê, pois, no curioso phenomeno uma como immobilização do adjectivo-predicado na fórma neutra transformado em substantivo; a nós, porém, nos parece que a explicação devemos-la procurar numa como *neutralização* do substantivo-sujeito tomado em acceção abstracta e geral, em que a lingua perde de vista o objecto nomeado para indicar vagamente suas qualidades. E’ possivel que ambas as explicações tenham sua realidade no movimento historico das linguas.

523. O GENERO DOS COMPOSTOS. O genero dos substantivos compostos é regulado pelo genero do elemento predominante, que é o *determinado*. Em relação á posição do determinado, dois typos de compostos se offerecem: a) typo *classico* ou *synthetico* das linguas antigas, em que o elemento *determinado* se pospõe ao *determinante* (*terremoto*); e b) o typo *neo-latino* ou *analytico*, em que o elemento *determinante* ou modificador é que se pospõe ao *determinado* (*carta-bilhete*). Assim temos:

a) **Typo synthetico:** o terremoto, a astronomia, o cholera-morbo (o *cholera-morbus*), a ferro-via, o ponta-pé, o vara-pau.

b) **Typo analytico:** o mestre-escola, a escola-mode’o, o papel-moeda, a moeda-papel, a carta-bilhete, o mestre-sala, o povo-rã.

524. Abrem excepção á determinação generica do composto pelo *determinado*, os seguintes:

Ribatejo = *Riba do Tejo* onde o determinado *Riba* se deixa influir pelo determinante *Tejo*, que é masculino. Talvez concorresse para isso o genero de *Alentejo*, como suspeita o Dr. L. de Vasconcellos, e, tambem, como declara o mesmo auctor, “o designar tal termo o nome de uma região, e poderem taes nomes ser já femininos, já masculinos.”

Ponta-pé. Acha ainda o Dr. Vasconcellos que *ponta-pé* é outra excepção. Porém o que parece mais provavel é que *ponta-pé*, como

vara-pau, (cf. *mãe-patria*) sejam especimenes curiosos do typo synthetico, que se interpreta não *ponta de pé*, nem *vara de pau*, mas — *pé em ponta, pau em fôrma de vara*. Neste presupposto, o ultimo elemento é o *determinado*, e dá regularmente o seu genero ao composto. E' o que succede com *cholera-morbo*.

Guarda-roupa é geralmente feminino entre os nossos classicos quando designa a camara ou armario: "a guarda-roupa de Sua Magestade" (Dic. V.), e masculino quando designa o homem encarregado da rouparia.

Guarda-louça é masculino, se bem que Aulete e D. Vieira auctorizam o feminino.

Guarda-prata é dos dois generos.

Guarda-linha é masculino, porém Figueiredo, D. Vieira e Moraes auctorizam o feminino. *Guardamoria* é femin. *Guarda-porta* é mascul., segundo Figueiredo e Aulete, e femin. segundo Moraes e D. Vieira (pl. *guarda-portas*). Os outros compostos de *guarda* são masculinos: — *o guarda-joias, o guarda-lama, o guarda-luz, o guarda-mão, o guarda-marinha*. — Os compostos por loc. verbal são masculinos: — *o porta-voz, o saca-rolha, o paraquedá, etc.*

Numero dos substantivos

525. O sânscrito, o grego e outras linguas antigas possuíam trez numeros grammaticaes: o *singular*, o *plural* e o *dual*. O latim possuía apenas dois numeros — o *singular* e o *plural*, que passaram para o portuguez.

Para indicar a pluralidade adoptou o portuguez o expoente *s*, tomado do accusativo plural dos nomes latinos, do qual essa letra ou phonema era a desinencia caracteristica nas cinco declinações, excepção feita dos neutros.

526. O CONCEITO DE PLURALIDADE. O conceito ou a noção logica de plural consiste na somma ou reunião dos seres, que se apresentam á nossa percepção externa como unidades discriminadas.

Em relação aos substantivos *concretos* é clara esta noção; não assim em relação aos *abstractos*. Estes, por sua propria natureza, repellem a noção de pluralidade. Impossivel é sommar *prudencias, justicas, odios*, a não figurarmos *actos de prudencia, justiça, odio*, etc. Coisa semelhante acontece com os substantivos que indicam certos productos

naturaes, como — *agua, vinho, leite, trigo, farinha, pó, café, ouro, prata*, que se apresentam ao espirito como uma massa informe, onde impossivel ou difficil é destacar individuos para reuni-los ou sommá-los no conceito de pluralidade, a menos que não encaremos as diversas porções ou qualidades, v. gr. — *as aguas, os vinhos, as farinhas, os cafés, os ouros*, quando queremos indicar as diversas porções ou qualidades desses productos.

Todavia, levados pela analogia, muitos abstractos tanto em latim como em portuguez são usados frequentemente no plural, taes como *vitæ, mortes, odia*, etc., e *odios, esperanças, fraquezas, embriaguezes, desesperos*, etc. E o mesmo acontece com alguns nomes de productos naturaes — *aguas, azeites, ferros*, etc.

527. PLURAL DOS CONCRETOS EM SENTIDO GENERICO E ESPECIFICO. Os appellativos concretos podem designar o *genero* ou a *especie*, conforme são empregados em sentido generico ou especifico. Se dissermos — “comer laranja”, *laranja* designa o *genero*; se, porém, dissermos “comer algumas laranjas”, *laranja* designa a *especie*. Com o singular indica a lingua o *genero* e com o plural a *especie*.

No grupo — “geléa de marmello” levanta-se a duvida se marmello designa o *genero* ou a *especie*, se deve ir para o singular ou para o plural.

Os dicc. da Academia Franceza, de 1798 e 1835, escrevem — *pâte d'amende ou d'amendes, geléa de pomme et marmellade de pommes, un pied d'œillets et d'œillet*.

Em geral o portuguez prefere o *genero*, e diz:

Geléa de marmello, pastel de camarão, bala de ovo, conserva de pimenta, cultura de batata, lavoura de canna, plantação de mandioca, viver de peixe, reuniões de oração, acções de graça.

Comtudo, quando o primeiro elemento está no plural, dá-se ás vezes a attracção para o plural; como, p. ex., em — *fiões d'ovos, balas d'ovos*.

Na generalidade dos casos o sentido mostra se o *genero* ou a *especie*, se o singular ou plural, devem ser empregados, p. ex.:

Uma duzia de chicaras, um mólho de chaves, uma juncta de bois, um tiro de cavallos, uma parelha de garrotes, uma grosa de pregos, um rancho de prophetas, um grupo de rapazes, uma alcateia de lobos, um cardume de peixes, um bando de aves, uma vara de catetos, uma manada de porcos, uma récua de camellos, uma malta de velhacos, uma sucia de tractantes, — um molho de trigo, uma nuvem de pó, trez litros de feijão, um alqueire de farinha, um selamin de milho, cinco metros de panno, quatro peças de chita, duas garrafas de vinho, quatro litros de leite, duas latas de kerozene, um magote de povo, uma multidão de gente (cf. uma multidão de pessoas), duas bandas de musica, cinco arrobas de açúcar. — Cafilas de alifantes, e de bois, e de cavallos (Per. 1.151) — Todas as sortes de caças e carnes (Ib. 2. 27).

528. O PLURAL DE ALGUNS SUBSTANTIVOS:

a) **Calças e ceroulas**, são usadas no plural por nossos classicos para designar um só objecto, devido isso á dualidade de suas fórmãs. Exs.:

Hum Fidalgo de primeira nobreza... mandou fazer humas calças altas, no tempo que se usavão (A. de F., p. 336) — Trazia vestida uma saia de valenciana reforçada, calças de bifa, sapatos de pelle de gamo, chapeirão de rugres... (A. H., L. e N. I, 138) — Ceroulas são huma vestidura interior de panno de linho, que a modo de calçoens cobrem o corpo da cinta até os joelhos, ou mais abaixo (R. Bluteau).

b) **Bragas e alforges** são geralmente termos usados no plural: Não se apanhão trutas a bragas enxutas — Ida de João Gomes, foi em sella, e tornou em alforges (Adagios) — Encontram-se tambem no sing.: Lançou-se a gente na agua que lhe dava pela braga (Castanheda, Hist. da Ind. V. 59) — Fazer o alforge, ir de alforge (=a ligeira, escoteiro, Dicc. D. V.).

c) **Narizes** é empregado pelos classicos no plural, pelo motivo que nos leva a empregar no plural *ventas*, como attesta o seguinte passo de Camões, que tracta de Zopyro, corteção de Dario, rei dos persas, que se cortou o nariz e orelhas, fingindo que assim o mutilara seu amo, para poder enganar os babilonios, que lhe entregaram a cidade, a qual elle franqueou a Dario.

Oh grão fidelidade Portugueza
De vassallo que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez naquella empreza,
Onde rosto e narizes se cortava?

Do que ao grande Dario tanto peza,
Que mil vezes dizendo suspirava,
Que mais o seu Zopyro são prezára,
Que vinte Babilonias que tomára (Lus. 3. 41).

d) **Proximos**, palavra hoje ordinariamente empregada no *sing.* com sentido colectivo: *amar o proximo como a si mesmo*; entre os *classicos* é frequente o plural:

* Aquelle se pode chamar bom que usa de bondade nam somente para si, mas para os proximos (H. P., Imag. I. 309) — Compassivo por extremo nos trabalhos que via nos proximos (Souza) — O que importa é salvar a alma propria e a dos proximos (A. V., C. 49) — Quem habitará no seu tabernaculo? O que não fez mal a seu proximo, nem consentiu que se infamassem seus proximos (lat. Quis habitabit in tabernaculo tuo? Qui non fecit proximo suo malum, et opprobrium non accepit adversus proximos suos (Vulg. Salm. XIV. I. 3).

Cães é substantivação do adjectivo archaico *cão* = branco, do lat. *canus*, -a, -um, como se vê da seguinte citação: Viinham muitos velhos cães (de cabellos brancos) fazendo grande chanto (=pranto) por don Tello e fazendo dizer missas (Chrest. Arch. 108).

CAPITULO II

ADJECTIVO

529. O ADJECTIVO, como indica o seu etymo (lat. *ad + icere* = lançar para, ajunctar), tem na phrase a funcção syntactica de se ajunctar a um substantivo para lhe restringir e determinar o sentido. Elle, pois, não se apresenta isolado na phrase, mas sempre como modificador de um substantivo, ampliando ou restringindo a sua *compreensão* e *extensão*. De duas maneiras prende-se elle ao substantivo: ou immediatamente, por meio de mera apposição — *bonus homo* = *homem bom*; ou mediatamente, pelo verbo de ligação — *bonus est homo* = *o homem é bom*. Dahi uma dupla relação do adjectivo para com o seu substantivo na phrase:

1.^a **RELAÇÃO ATTRIBUTIVA**, é a que o adjectivo, modificando directamente o substantivo, se constitue o seu *attributo*, *adjuncto* ou *complemento attributivo*, e é o que alguns chamam o *epitheto* do substantivo: *homem bom*, *alto mar*, *chamar-lhe sabio*, *considerá-lo preso*, *meu pae*, (*pater meus*), *aquelle dia* (*dies illa*).

2.^a **RELAÇÃO PREDICATIVA**, é a que o adjectivo, modificando o substantivo-sujeito por intermedio dos verbos de ligação, se constitue seu *predicado nominal*, tambem chamado *completivo* ou *complemento subjectivo*: *a vida humana é*

breve (brevis est humana vita), o homem é mortal, porém a sua alma (é) immortal. E' igualmente predicativo em — vê-lo prostado, fazer-se vermelho, deixá-lo doente (416).

Obs. Em vez do substantivo apparece frequentemente na phrase o seu substituto — o pronome; isto em nada modifica a funcção do adjectivo, p. ex.: *nós, brasileiros, tudo supportamos, elle é paciente*. Sómente devemos observar que, como *epitheto* ou *attributo*, o adjectivo não se prende com tanta liberdade ao pronome como ao substantivo. — Além dos verbos propriamente de ligação, é frequente em portuguez, encontrar-se pospostos a outros verbos o adjectivo em vez do adverbio, como referencia ao sujeito: *Os mensageiros partiram velozes (=velozmente).*

530. EMPREGO DO ADJECTIVO. Os adjectivos qualificativos podem ser substituidos: a) por um *substantivo* regido da preposição *de*: *banquete principesco = banquete de príncipe, palacio real = palacio de rei*; b) por uma *periphrase*: *talento sem rival, belleza sem igual*; c) por uma *proposição relativa*: *uma voz encantadora = uma voz que encanta, pessoas amantes = pessoas que amam.*

531. Fazia o latim mais largo uso do adjectivo do que o portuguez. Os adjectivos, que exprimem a ORIGEM (*aquaticus color*), MATERIA (*statua argentea*), ESPECIE ANIMAL OU VEGETAL (*lac. asininum, glandes quernæ*), TEMPO (*menses hiberni, dies festum*), LOGAR (*pugna Cannensis*), são, em portuguez, expressos por substantivos regidos da preposição *de*: *cor d'agua, estatua de prata, leite de jumenta, bolotas de carvalho, mezes de inverno, dia de festa, batalha de Cannes.* — A linguagem popular perdeu a grande variedade das terminações adjectivas latinas, que os eruditos do sec. XVI em deante teem procurado restaurar. Só no estylo poetico podemos, para taes expressões, valer-nos dos adjectivos, que tenha introduzido na lingua a reacção latinista. Exs.:

Fecit (Jeroboam) duos vitulos aureos = fez Jeroboão dois bezerros de ouro (aureo) (Vulg. III Reg. XII. 28) — In arca autem non erat aliud nisiduae tabulae lapidae = na arca porém não havia senão as duas taboas de pedra (lapidae) (Ib.). V. II 9) — Sed et omnia vasa aurea, et argentea, et aenea consecravit David = consagrou tambem David todos os vasos de ouro (aureo), e de prata (argenteo), e de bronze (bronzeo) (Ib., I Paral. XVIII. 11).

532. MUDANÇA DE CATEGORIA GRAMMATICAL. A íntima relação grammatical entre o substantivo e o adjectivo, dá causa a frequentes permutas entre as duas categorias.

Não só é frequente a substantivação do adjectivo, por meio do artigo ou outro determinativo, mas também a adjectivação do substantivo, pela *aposição* de um substantivo a outro em relação *attributiva* ou *predicativa*. Exs.:

Havia de achar homens homens, haviam de achar homens pedras (A. V. S., I. 251) — O povo-rã (povo asno, povo tímido) nas aguas, entre juncos e caniços... (F. E., Fab. 91) — A fortuna lhe sorria menos madrasta (L. C., Cam. 243) — ...em todo o mar oceano occidental a esta nossa Europa (J. de B., Dec. I. 130) — Era o descobrimento do Oriente per este nosso mar oceano (J. de B., Dec. I. 268) — E em nove dias de tempo bonança nos pusemos na altura de Massuaa (M. P., Per. 1. 10) — E vellejando desde hũa hora ante menhan, que saymos do porto, fomos com ventos bonanças ao longo da costa até quasi a vespora... (Ib. I. 17) — Corremos a costa do mar Oceano em distancia de vinte e seis leguas (Ib. 63) — O vento era galerno e o mar bonança (A. V., S. 2. 33) — Acabada esta batalha, os cavalleiros mancebos se despedirã (Palm. I. 185) — Cavalgava em hũ cavallo ruço pombo (Ib. 139) — Já de manceba gente me apparelho (Lus. 4. 82) — Sendo o lago-sinho o mar oceano (A. V., S. 2. 309).

Concordancia do adjectivo

533. O ADJECTIVO concorda na phrase em *genero* e *numero* com o seu substantivo, ou pronome, que equivale a um substantivo. Chamam-se, pois, *genero* e *numero* do adjectivo as flexões que este assume para se pôr de accordo com o genero e numero do substantivo, com o qual se coordena, quer como *attributo*, quer como *predicado*: *uma boa idéa* e *esta idéa é boa*. No latim opera-se a concordancia do adjectivo com o substantivo em *genero*, *numero* e *caso*. Obliterado este, ficou-nos a concordancia apenas em *genero* e *numero*.

534. A concordancia do adjectivo com o substantivo apresenta duas difficuldades: a) concordancia de um adjectivo com mais de um substantivo, e b) a de mais de um adjectivo no singular com um substantivo no plural.

1.ª CONCORDANCIA DE UM ADJECTIVO COM MAIS DE UM SUBSTANTIVO. Esta concordancia offerece dois typos, conforme o adjectivo se antepõe ou se pospõe aos substantivos:

a) Quando o adjectivo se antepõe aos substantivos, que modifica, é mais euphonico e commum que a concordancia se opere com o primeiro substantivo, que é o mais proximo, subentendendo-se em relação ao outro ou outros. Exs.:

E' este o logar e a occasião que el-Rey escolheu para declarar o segredo (A. C., Q. Hist. II. 6) — Escolhestes mau logar e hora para renovar a requesta (A. H.) — Mudo está o arraial, mudo o céu e o rio (A. C.) — Estava Moysés só de uma parte e da outra todos os magos do Egypto, presente o rei e a côrte, suspenso elle e toda ella na especção do successo (A. V., S.) — A Fortuna guardava para dar descanso que a seu pae e mãe negava (C., Ohrs. 3. 225).

No v. port., encontramos tendencia erudita para se operar neste caso a concordancia no plural com os substantivos stantivos. Exs.:

D. Beatriz, filha primogenita e herdeira dos ditos rei e rainha de Portugal (F. Lopes, Chr. de D. Fern., 158) — Então disse outra vez aos ditos senhores pae e mãe seus della (Ib. 145) — ...de consentimento dos ditos rei e rainha, pae e mãe meus, que presentes estão (Ib., 147) — ...assi pela situação desta entre as correntes dos notaveis Indo. e Ganges (J. de B., Dec. I, 323).

Imitaram alguns escriptores modernos esta concordancia semi-barbara: "A mão esquerda entre cujos indice e pollegar pendia o pergaminho" (A. H., Monasticon) "...pelas exigencias cada vez maiores destas devoradoras e insaciaveis fome e sede de leitura" (A. C., Os Fast. I. 315).

b) Quando o adjectivo se pospõe aos substantivos, a concordancia se opera ou no singular com o ultimo, ou no plural e no masculino, se forem diversos os generos dos substantivos. Exs.:

E então disse outra vez aos ditos senhores pae e mãe seus della (F. Lopes, Chr. de D. Fern. 145) — ...de consentimento dos ditos reis e rainha, pae e mãe meus (Ib. 147) — Preço e estimação ordinaria (A. V.) — Prodigios de bondade e omnipotencia divina (M. B.) — Leitura e escripta nova... leitura e escripta velha (A. C.) ...cujo saio e cavallo negros (A. H., L. II, 83) — As calças e o jubão de ouro lavrados (C. Real).

2.ª CONCORDANCIA DE MAIS DE UM ADJECTIVO NO SINGULAR COM UM SUBSTANTIVO NO PLURAL. Não raro na phrase um substantivo no plural vem modificado por adjectivos no

singular, que exprimem partes de que o substantivo é o todo. Exs.:

Nenhuma das invasões celta, phenicia, carthaginesa, pudera domar (A. H., Hist. de Port 21) — As literaturas grega e latina (Id.) — Os poderes temporal e espiritual (Id.) — As raças phenicia, grega e carthaginezca (Ib. 2) — O primeiro e o quinto Affonsos (C.) — A 1.^a, 2.^a e 3.^a Brigadas formaram uma columna (Eucly. Cunha, Sert. 371) — Varios portos das costas setentrional e occidental (A. C., Q. Hist. III,37) — A's vezes vem no singular o substantivo e o artigo repetido ou não. Exs.: Emquanto passarão estes quatro imperios que foram a terceira, quarta, quinta e sexta idade do mundo (A. V., S. 145) — Sei eu que se a primeira, e a segunda, e a terceira parte do mundo tiveram reis, tambem o teve a quarta (Ib. S. 2. 88) — Na primeira e na segunda tentação tentou o deimonio (Ib. 5. 185) — ...indagar o direito publico e privado (A. H., Hist. de Port. 1. 12) — ...no tempo dos celtas e do dominio carthaginês e romano (Ib. 11) — O pae da vossa D. Beatriz o desbaratou com a fidalguia portugueza e castelhana (A. H., Monast. 1. 239).

Obs. Um terceiro typo ainda mais anômalo encontra-se em alguns escriptores, em que o artigo e respectivo substantivo vão para o plural. e os numeræes, que exprimem as partes, ficam interpostos no singular. Exs.:

Ficou o quartel-general protegido pelos 14.^o, 32.^o e 34.^o batalhões (E. Cunha Sert. 466, 2.^a ed.) — Os 7.^o, 14.^o e 30.^o batalhões de infantaria constituem a 1.^a Brigada. (Ib. 371). — ...o grosso da columna constituído pelas 1.^a e 3.^a brigadas (Ib. 382). Melhor se dirá — *pelos batalhões 14.^o, 32.^o ... os batalhões 7.^o, 14.^o... pelas brigadas 1.^a e 3.^a.*

535. OUTRAS DIFFICULDADES NA CONCORDANCIA DE ADJECTIVOS. Além das duas difficuldades atraz estudadas, outros factos curiosos existem no uso e concordancia do adjectivo, de que passamos a tractar:

1.^o Como em latim, converte-se o adverbio em adjectivo, que passa a concordar com o sujeito, tornando-se o adjuncto predicativo em adjuncto subjectivo, e dando-se mais vivacidade á expressão: *Os navios singraram velozes por velozmente* — *Elle levantou-se jubiloso, por jubilosamente* (cf. lat. *tacita secum gaudet*, Diez). Exs.:

Commetterão *soberbos* os Gigantes
Com guerra vã o Olympo claro e puro (Lus. 2. 112)

E para que mais *certas* se conheção)
As partes tão remotas, onde estamos, Lus. 5. 52)

2.º O adjectivo *juncto* era mais frequentemente empregado como adverbio do que hoje, com o valor do lat. *junctum*. Exs.:

Rompem malhas primeiro, e peitos logo :
Assim recebem *junto* e dão feridas,
Como a quem já não dóe perder as vidas. (Lus. 4. 39)

Não esperam os ventos indignados
Que amainassem ; mas *juntos*, dando nella,
Em pedaços a fazem, c'um ruído,
Que o mundo pareceu ser destruído. (Lus. 6. 71)

3.º Ao invés do que acontece com *juncto*, o adjectivo *só* é modernamente com mais frequencia empregado como adverbio, do que no v. port., p. ex.:

Em pouco mais de dous credos ficarão no cãpo quarenta e cinco mortos, dos quais *sós* os oito foram nossos (F. M. Pinto, Perigr. I.33) — O Hidalção respõdera... que *sós* dois dias avia que a nao era partida (Ib. 23) — Durou a quietação desta paz por tempo de *sós* dous meses e meyo (Ib. 44) — Não tinha mais de meu que *sós* cem cruzados (Ib. 47) — E assaltando á escalla vista... a entrou sem perder dos seus mais que *sós* trinta e sete (Ib. 56).

Vês aqui as mãos, e a lingua delinquentes ;
Nellas *sós* exp'rimenta toda a sorte
De tormentos, de mortes, pelo estylo
De Scinis, e de touro de Perillo (Lus. 3. 39).

4.º Os demonstrativos — *este, esse, aquelle*, em função pronominal, como sujeitos, concordam, por attracção, com o predicado nominal quando substantivo: *Esta é a casa, estes são os homens, aquellas são as mulheres*. Do lat. nos veio este processo: *hæc est vita mea*.

Se, porém, o predicado é adjectivo ou substantivo abstracto, o demonstrativo assume a fôrma neutra — *isto, isso, aquillo*: *isto é claro, isso é verdade, aquillo é coisa incrível*.

Em sentido pejorativo apparece o neutro mesmo com predicado concreto: *isto não é um homem, aquillo não é a mulher que eu pensava, isso são difficuldades com que não contavamos, isto são os ossos do officio, isto não é sessão, não é nada*.

Este processo tambem se filia ao lat., onde o demonstrativo-sujeito assumia por vezes a fôrma neutra a despeito